

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



Ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος
ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

rodeava a fundação dos oráculos de Dodona e Siva, Heródoto apresenta uma explicação simples para a sua origem. As mulheres teriam sido transformadas em pombas pelos habitantes locais devido à sua proveniência estrangeira, que a cor negra acentua, e sua linguagem comparada ao chilrear dos pássaros, devido à estranheza dos sons.

Em resumo, a obra de Munson apresenta-se como mais um importante contributo na análise de Heródoto como um autor que compreendeu o relativismo cultural que preside às relações entre os homens, disposto a problematizar a oposição entre gregos e bárbaros e a respeitar os costumes do Outro, mesmo quando chocam com a sua sensibilidade pessoal e cultural (1. 199). Demonstra desta forma que o diálogo civilizacional é dificultado, não pelas barreiras linguísticas, mas sim pela natureza do *nomos* que tudo rege (3.38). Gostaríamos, para finalizar, apenas de realçar a utilização da Autora de dois episódios retirados do livro II para justificar a suas hipóteses, o que, em última análise, é um sinal de que os classicistas estão finalmente a reconhecer que a longa digressão pelo Vale do Nilo é mais do que um texto exótico destinado a entreter e maravilhar os seus leitores. É, pelo contrário, uma ferramenta essencial para a nossa compreensão das «Histórias» no seu todo.

Nídia Catorze Santos

FRED NAIDEN, *Ancient Supplication*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2006, 440 pp., ISBN 019518341X.

A obra de Naiden anuncia-se fundamental para a nossa compreensão da súplica, ritual omnipresente por todo o Mundo Antigo. Nela encontramos reunidas todas as fontes disponíveis sobre o tema, no mundo greco-romano, desde Homero à época cristã, e ainda alguns paralelos do universo hebraico e próximo-oriental, estes últimos apresentados nos apêndices finais.

O estudo inicia-se, como não poderia deixar de ser, com Homero. Não, como poderíamos supor, com o apelo de Crises a Agamémnon (1. 12-34), o de Tétis a Zeus (1. 500-507) ou a súplica de Príamo perante Aquiles (24. 477-570), que iniciam e concluem, respectivamente, a *Iliada*, mas com dois exemplos retirados da *Odisséia*: o de Fémio, o aedo (22. 330-56) que tinha entretido os pretendentes no palácio de Ulisses, e o de Liodes, um dos pretendentes (22. 310-29).

Chegado a Ítaca, Ulisses vinga-se dos pretendentes, o que leva o aedo, receoso pela sua vida, a aproximar-se do herói e a abraçar-lhe os joelhos, enquanto pede para ser poupado, visto ter sido obrigado por eles a vir entretê-los. Telémaco confirma a sua versão e descreve-o, tal como o narrador, como inocente. A estes argumentos, junta Fémio o seu pedido de misericórdia, que é aceite. Ulisses manda-o para junto do altar, onde estará a salvo. Suplicante e suplicado estabeleceram assim um laço entre si, testemunhado por Zeus, deus do altar, que os une. Todavia, antes da sua súplica, já Liodes tinha abordado o rei de Ítaca com um pedido semelhante e, como Fémio, também ele abraçou os joelhos de Ulisses, pedindo para ser poupado, ao mesmo tempo que se mostra como alguém que realiza sacrifícios, que nunca cometeu injustiças contra ele e inclusive tentou impedir que outros as cometessem. Mas, contrariamente ao aedo, ninguém veio em sua defesa, e o rei utiliza a sua defesa contra ele. Ao ter sacrificado em prol dos pretendentes é duplamente culpado, e assim a sua súplica é recusada, o que acaba por lhe custar a vida.

A partir destes dois exemplos, de desfechos muito diferentes, é notório que o processo de súplica se desenrola com precisão protocolar, o que permite ao autor esmiuçar e dividir o ritual descrito em quatro etapas fundamentais, analisando cuidadosamente todos os gestos feitos e os tipos de pedidos. A primeira etapa é a aproximação a um indivíduo ou local. Fémio aproximou-se de Ulisses depois de considerar a possibilidade de se refugiar num altar. Liodes, por seu lado, foi de imediato ter com o rei. O uso de um gesto distintivo é a segunda etapa e ambos os suplicantes abraçam os joelhos do suplicado. Para acentuarem o significado do gesto dizem-lhe que «abraçam os seus joelhos». A terceira etapa é verbal e permite-lhes pedir clemência e ao mesmo tempo ilibarem-se de alguma falta que possam ter cometido. A quarta etapa, finalmente, é a resposta ao seu pedido pelo suplicado, depois de ter escutado os argumentos apresentados. Como vimos, Ulisses aceitou o pedido de Fémio, depois de ter recusado o de Liodes. Na opinião do Autor, todas as etapas são importantes, mas defende, contra algumas teorias propostas, que o suplicado não estava obrigado a aceitar os pedidos que lhe eram dirigidos, desde que as etapas fossem realizadas de acordo com o ritual, como demonstra, aliás, através do exemplo citado.

Estes aspectos ritualistas não foram ignorados por Naiden, que dedica muita atenção aos aspectos do sagrado e do social e a respectiva articulação com as suas diferentes dimensões: literária, política

e legal. No aspecto jurídico, o direito grego e as instituições romanas (republicanas e imperiais) não ficaram esquecidos e revelam-se fundamentais para esclarecer a relação entre a súplica e os procedimentos burocráticos, entre o papel dos magistrados dos tribunais e as regras que regulam a súplica nos santuários, nacionais e internacionais, onde a expulsão também não era uma situação inédita. Aliás, a recusa é um facto comum, justificada, na maioria das vezes, por o suplicante ser culpado de algum crime contra deuses ou homens. Por seu lado, o suplicado raramente é castigado ou sofre qualquer retribuição pelo acto de recusa. Ainda de acordo com o autor, as principais diferenças entre a súplica na Grécia e em Roma encontram-se no *imperium* dos magistrados, na misericórdia e na garantia de direitos. Ao contrário do que acontecia com os seus congéneres helénicos, como por exemplo os *strategoí* de Atenas, que não tinham autoridade para punir ou poupar um soldado como acontecia com os generais romanos, as magistraturas da Urbe dispunham de autoridade, na sua vertente civil ou militar, que lhes permitia decidir se aceitavam ou não o apelo que lhes tinha sido dirigido por um suplicante.

No decorrer da sua análise, somos confrontados com mais de oitocentos actos de súplica colhidos na literatura e complementados com testemunhos retirados das artes. Nas últimas páginas do livro, é-nos disponibilizado um catálogo exaustivo destes mesmos actos, organizado em dois blocos que distinguem as fontes gregas e as latinas. Esta diversidade de fontes permite-lhe estabelecer pontos de comparação entre as diferentes sociedades e, em simultâneo, oferece ao leitor a possibilidade de se aperceber de algumas das contradições com que os investigadores se confrontam. Um facto curioso é o abraçar dos joelhos. Apesar de ser mencionado apenas num quarto das descrições que encontramos em autores como Heródoto, Tucídides ou Diodoro, as descrições literárias tendem a concentrar nele a sua atenção, o que ao longo do tempo o tornou na «imagem de marca» do ritual junto do grande público. Também a arte desempenhou um papel fundamental na divulgação desta imagética, como é perceptível na capa que acompanha a obra. Foi escolhido o célebre quadro de J. D. Ingres, *Júpiter e Tétis*, inspirado pela súplica da deusa ao «Pai dos Deuses» (II. 1. 495-530). Devemos no entanto assinalar que entre os Romanos o ajoelhar não ser um gesto habitual, estando o mesmo reservado aos estrangeiros.

Para concluir, gostaríamos de assinalar também a análise linguística que Naiden dedica a dois verbos: *gignomai* (ser, tornar-se) e

dechomai (receber). Este é um aspecto significativo que, na sua opinião, tem sido descurado pelos estudos que se têm debruçado sobre esta temática, apesar de directamente relacionados com o quarto passo da súplica.

Nídia Catorze Santos

ANA LÚCIA CURADO, *Mulheres em Atenas. As mulheres legítimas e as outras*, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Sá da Costa Editora, 2008, 554 pp., ISBN 978-972-562-368-8.

É entusiasta a saudação que fazemos ao estudo agora publicado por Ana Lúcia Curado, *Mulheres em Atenas. As mulheres legítimas e as Outras*, originalmente apresentado à Universidade de Coimbra como tese de doutoramento em Letras, na especialidade de Estudos Clássicos, e orientado, aliás como prefaciado, por Maria Helena da Rocha Pereira. Baseado sobretudo em mais de uma centena de discursos atribuídos aos Dez Oradores do cânone ático, fontes particularmente ricas em informação histórica, este estudo é sintomaticamente intitulado «Mulheres em Atenas», visto que nem todas as figuras aqui analisadas eram originárias da capital da Ática, ainda que tivesse sido aí que se tivessem evidenciado. *Lato sensu*, o livro divide-se em duas grandes partes. A primeira é dedicada às mulheres legítimas, que é como quem diz as mulheres que protagonizaram relações conjugais, enquanto a segunda se centra nas Outras, ou nas que se manifestaram e evidenciaram sobretudo através de relações extraconjugais. Foi este o método escolhido por Ana Lúcia Curado para levar a cabo o seu trabalho e, quanto a nós, bem, uma vez que uma sociedade de tipo patriarcal indoeuropeu, como a grega, organiza-se tendo em conta a norma e o desvio, em que os lugares atribuídos ao género estão bem definidos.

Mas o recurso ao *corpus* dos Oradores não significa que a Autora se tenha limitado às fontes já enunciadas. Longe disso. Este trabalho é igualmente meritório pela forma como conjuga a informação, recorrendo a todo o material disponível para dar corpo, consolidar e enriquecer as conclusões a que chega, da vária literatura em prosa e em poesia (da historiografia à tragédia) até à iconografia transmitida pela cerâmica, passando pelo estudo dos silêncios retóricos. Ana Lúcia Curado metamorfoseia-se assim numa verdadeira Penélope, dado o exímio trabalho de «tecelagem historiográfica» que leva a bom termo. A título de exem-